

O COMÉRCIO DE CANTÃO (1720-1796).

ALEXANDER CHUNG YUAN YANG
da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
da Universidade de São Paulo.

INTRODUÇÃO.

Cantão foi o primeiro porto chinês no intercâmbio comercial China/Ocidente. No século VII, na época da dinastia Tan, árabes e persas já comerciavam com a China via Cantão. Os portugueses foram os primeiros europeus a manter contato com a China. E a partir daí intensificaram-se as comunicações entre a China e o Ocidente. O comércio através de Cantão teve como principal consequência um processo de modernização, provocando alterações estruturais e políticas na China. O objetivo deste trabalho é mostrar a importância de Cantão no comércio entre o Ocidente e o Oriente.

*

I. — CONJUNTURA INTERNACIONAL E NACIONAL DA CHINA.

Árabes e persas, através de Constantinopla e Antioquia, comerciavam especiarias orientais com a Europa (1). A tomada de Constantinopla pelos turcos levou os ocidentais a procurar uma nova rota para o Oriente.

Portugal busca um novo caminho para as Índias, levando os portugueses a intensificar as suas navegações no Atlântico. Bartolomeu Dias, ao dobrar o Cabo da Boa Esperança, descobriu uma nova rota para as Índias completada mais tarde por Vasco da Gama (2). A primeira expedição atracou em Calecute. Em 1505 os portugueses ocupam Goa. Málaca que estava sob controle chinês é devastada e aí

(1). — DIAS (Manuel Nunes), *A companhia geral do Grão-Pará e Maranhão, 1755-1778*, p. 33, São Paulo, 1971.

(2). — DIAS (Manuel Nunes), *ob. cit.*, p. 59.

os portugueses instalam fortalezas para combater os árabes e conseguir assim o monopólio do comércio das especiarias (3).

Em 1516, pela primeira vez, um navio comandado por Rafael Perestrello atraca num porto chinês. Em Cantão os portugueses conseguem licença para comerciar. Mas eles criam problemas erguendo fortes de conquistas em Cantão. Isso desgostou o imperador chinês e prejudicou as intenções da expedição de Tomé Pires que se deslocara de Cantão para a capital, a fim de manter relações diplomáticas (4). Os constantes atritos entre os portugueses e os nativos culminaram com a derrota dos primeiros e consequentemente sua expulsão do território de Cantão (5).

O comércio em Cantão foi fechado aos estrangeiros. Apesar de tudo os portugueses insistiram em manter bases na China e em 1557 conseguiram obter uma colônia,— Macau — até hoje com fortíssima influência portuguesa (6).

Em 1578 abriu-se novamente o comércio de Cantão, mas devido ao não cumprimento das leis impostas pelos chineses, ele foi fechado em 1631 e, assim permaneceu até o fim da dinastia Min (7).

Em 1684 com o estabelecimento de alfândegas em Fuchien, Chekian e Cantão, intensificou-se as relações comerciais entre o Ocidente e a China foi recebendo costumes e religiões européias. Mas os funcionários chineses, temendo a expansão européia, acabaram por proibir a entrada de missões estrangeiras. Apesar de sua longa permanência na Ásia os portugueses não conseguiram manter relações diplomáticas com a China (8).

*

A Espanha iniciou sua expansão marítima no século XVI. Os espanhóis chegaram à China e Índia pelo Ocidente. Fernão de Magalhães em 1519 atingiu pela América o Pacífico e chegou às ilhas

(3). — “A conquista de Malaca pelos portugueses, em 1511, abriu a navios europeus esse Pacífico desconhecido que banhava o gigante chinês o partia em pedaços o Império do Sol-Levante” [Pannikar (K. M.), *A dominação ocidental na Ásia*, v. I, p. 75, Rio de Janeiro, 1965].

(4). — HUDSON (C. F.), *Europe and China*, p. 237, Londres, 1931; Cordier (H.), *Histoire de la Chine*, v. III, p. 126, Paris, 1920.

(5). — *To, To, Min Shi*, Taipei, v. 325, 1955; CORDIER (H.), *ob. cit.*

(6). — *To, To, Min Shi*, v. I, p. 205, Taipei, 1955; MORSE (H. B.), *The international relations of the Chinese Empire*, v. I, p. 421, Londres, 1918; SOOTHILL (W. F.), *China and the West*, p. 81, Osgord, 1938.

(7). — YANO (Jinichi), *A história das relações dos assuntos exteriores*, p. 20-21, Tokio, 1920.

(8). — WANG (Chi Chun), *Kuo Chao Juo Yuan Chi*, v. I, p. 5, Taipei, 1960.

Filipinas e ao mar da China (9). Em 1564 eles ocuparam o México e as Filipinas. Manilla tornou-se importante centro do comércio entre a China e a Espanha. Mas os conflitos com os habitantes das Filipinas e Manilla levaram os espanhóis a manter uma política de violência nas Filipinas. Para garantir seu domínio comercial os espanhóis enfrentam até os holandeses, ocupando o norte de Taiwan, mas sendo expulsos em 1642 (10).

*

Os holandeses perceberam que o comércio era sua melhor arma para combater a Espanha. Em 1602 os comerciantes flamengos fundam a Companhia das Índias Orientais com poderes para administrar colônias, fazer comércio, etc.. Os holandeses em 1619 instalam-se em Java, na Indonésia. Formosa era uma excelente base para controlar as rotas de Macau, Fuchien, Manilla e até mesmo o Japão. Mas em 1662 ela foi reconquistada por Chen Chen Kun. Na dinastia Chin os holandeses conseguiram do imperador homenagens de 8 em 8 anos. O êxito diplomático holandês foi parcial, de vez que conseguiram a abolição dos impostos sobre mercadorias compradas em Cantão. A chegada de Thomas Stephens à Índia em 1579 marca a expansão inglesa rumo ao Oriente. Em 1596 uma expedição é enviada a China com o intuito de conseguir permissão para fazer comércio. Mas uma epidemia acaba com a tripulação. Os que restaram foram massacrados pelos espanhóis. Convem lembrar que portugueses e holandeses também lutavam para manter sua hegemonia comercial. Em 1635 os ingleses utilizam-se de Macau para o transporte de mercadorias entre a Índia e a China. Em Cantão eles são obrigados a lutar e atacam Humen para obrigar os chineses a comerciar (11). Após vencer os holandeses em Formosa, Chen Chen Kun chega ao mar da China meridional e recebe apoio da frota inglesa e ali funda a casa comercial de Amoy. Em contrapartida os holandeses oferecem seus préstimos à dinastia Chin contra Chen Chen Kun. Em 1684 a China abre os portos de Cantão, Fuchien e Chekian fazendo negociações com holandeses e ingleses. Um distrito fora da cidade foi erguido em Chekian para os estrangeiros. O século XVIII marca o domínio inglês de comércio com o Oriente (12).

(9). — LJUNGSTEDT (A.), *Historical Sketch of the portuguese settlements in China*, p. 1-5; KOO (Chung Chia), *Chin Wen Shien Tung Kua*, v. 298, p. 16, Taipei, 1957.

(10). — HUDSON (C. E.), *Europe and China*, p. 232-233, Londres, 1930; YANO (Jinichi), *A história das relações dos assuntos exteriores*, Tokio, 1920, p. 33; *To, To, Min Shi*, v. 323, Taipei, 1958; WANG (Shi Chun), *Kuo Chao Juo Yuan Chi* v. I, p. 4, Taipei, 1960.

(11). — SARGENT (A. J.), *Anglo-chinese commerce and diplomacy*, v. I; HAKLUT, *Voyages, travels and discoveries of the English Nations*, v. III, p. 372.

(12). — WANG (Chi Chun), *Kuo Chao Jou Yan Chi*, v. I, p. 51, Taipei, 1960.

O contacto da China com Rússia diferiu do contacto europeu. Os russos chegaram em Helun Kian (rio do Dragão Negro) em 1664 para os primeiros contactos, mas somente em 1676 obtiveram permissão para comerciar. Os primeiros conflitos fronteiriços surgiram no reinado de Pedro-o-grande (1682-1725) (13). Em 1689 foi firmado um tratado de paz com os russos. Dessa forma o tratado de Nerchinsk foi o primeiro tratado firmado com país estrangeiro. E dessa maneira cresceu o comércio entre os dois países. Quando a China reconquistou a Mongólia, criou-se uma fronteira entre China e a Sibéria e os russos utilizavam-se dessa fronteira para comercializar e até ir a Pekin. Com isso cessaram as transações comerciais, visto que a Rússia se interessava mais pelas conquistas de territórios chineses. Em 21 de outubro de 1727, no governo de Catarina I, foi firmado um segundo tratado: o de Chaktu, voltando a antiga forma de comércio. Os russos podiam ter casas e alunos russos pediam estudar em Pekin (14).

O comércio China-Rússia era feito somente por terra; mas em 1805 os russos vão à China via Macau, devido às facilidades regionais. Com o tratado de Tunstsin em 1875 os russos tiveram acesso ao comércio marítimo.

*

Os Estados Unidos pelo cabo da Boa Esperança manteve o seu primeiro contacto com a China. Foram em busca de chá e seda. Isso aconteceu 8 anos após a Independência americana (1784) (15).

*

A tomada de posição pela China.

A exuberância dos negócios provocou mudanças no sistema de transações. E em 1720 os comerciantes de Cantão organizam o *Co-Hong*, sistema semelhante à uma câmara de comércio. Além do *Co-Hong* os funcionários alfandegários exigiam dos estrangeiros taxas e presentes. Com isso o comércio de Cantão foi perdendo sua importância para Chekian onde as coisas eram mais baratas. A medida tomada pelo imperador foi fechar os outros portos e trabalhar somente em Cantão.

*

A melhoria do comércio estrangeiro em Cantão exigiu certas medidas tomadas por parte do governo provincial de Cantão:

(13). — CHIN (Kuo Chung), *Chin Wen Shien Tun Kua*, v. 300, p. 5, Taipei, 1958; ROCKHILL (W. S.), *Diplomatic audiences at the court of China*, p. 15, Londres, 1905.

(14). — ROCKHILL (W. W.), *Diplomatic audiences at the court of China*, p. 241, Londres 1905; BELL (John), *Travels from St. Petersburg in Russia to diverse parts of Asia*, 2 v., 1763.

(15). — LATOURETTE (R. S.), *The History of early relations between the United States and China*, New Haven, p. 13-15. New Haven, 1917.

1. — Morada dos comerciantes estrangeiros durante o inverno.
2. — Dirigir-se unicamente aos agentes do Hong.
3. — Proibição de empréstimo de capital estrangeiro; não admissão de chineses como funcionários dos estrangeiros.
4. — Não empregar pessoas como mensageiros.
5. — Soldados junto aos barcos estrangeiros em Hwang Pu ou Cantão.

Essas exigências vigoraram a partir de 1760. Essas medidas levaram os ingleses a reivindicarem:

1. — Permissão de comércio em Chowshan, Linpo e Tientzin.
2. — Estabelecer casa comercial em Pekin (como os russos) para depósito e venda.
3. — Ilha junto a Chowshan — depósito e moradia.
4. — Idem em Cantão.
5. — Usar rios interiores no contacto entre Cantão e Macau com isenção de impostos.
6. — Abolição de taxas.

Todos estes pedidos foram negados por Pekin.

Com isso os estrangeiros tiveram que aceitar as imposições chinesas e seus negócios passaram a depender de homenagens (*kowtow* — cumprimento chinês) que eram feitas no *Shi pou shi* e *kuan yi* (casas de recepção para comerciantes estrangeiros).

* * *

II. — A CONJUNTURA NACIONAL CHINESA.

Chu Yue Chang torna-se imperador da China com o nome de Hong-U e estende seu império até a Coréia e as ilhas do rio Kio. A Birmânia e os estados vassallos pagavam-lhe tributos. Até o Japão reconhecia a supremacia chinesa. A chegada dos ocidentais é marcada pelo renascimento do espirito nacional chinês (16).

Conjuntura política.

*

Hong-U, da dinastia Min, procurava levantar o espirito da cultura tradicional chinesa, fazendo códigos de leis, reforçando o império e o mandarinato. Pekin foi reconstruída. Lançaram-se expedições ao mar, enciclopédias foram compiladas. Os tributos conseguidos pelas expedições de Cheng Ho ao Sião, Java e Sumatra fez de Iong-Lo um

(16). — PANIKKAR (K. M.), *ob. cit.*, v. I, p. 76.

O édito dizia: “Rei, sempre temos sido leal, prudente e fiel, não cessastes do prestar-nos inestimáveis serviços e sempre destes provas do maior respeito ao nosso trono... Rei do Japão, nós vos conferimos, pelo presente ato, uma recompensa para demonstrar-vos toda nossa satisfação”.

dos maiores príncipes que a China já conheceu. A política exterior é marcada pela ausência de preconceitos e prevenções em relação aos estrangeiros. As viagens de Cheng Ho ao Índico, o contacto com a Malásia e ilhas do Sul mostravam o interesse da China em não se isolar. Após Cang-te a dinastia Min se desagregou e assumiram o poder os manchús. Eram organizados em clãs, não formavam uma nação até que Nurachi organizou as tribos manchús em uma confederação. Constituiu um poderoso exército e seu poder estendeu-se à Mongólia. Em 1618 Nurachi declara guerra a Pekin que se aliara aos Iehoe. O exército de Min lutou durante 17 anos. O sucessor de Nurachi, Tientsung conquista o Estado coreano e domina os mongois do Tchaar. Na rebelião de Li Tzu Cheng morre o último Min e os manchús ficam conhecidos como a dinastia Chin.

O século XVIII é de suma importância, visto como os manchús se voltaram para a política externa. Quando em 1795 os chineses conseguiram permissão para o uso de armas nos navios, os ocidentais já haviam controlado o mar da China oriental e meridional. É durante o século XVIII que as últimas nações ocidentais (Dinamarca e Suécia) estabeleceram feitorias em Cantão. Internamente é a época do aparecimento do *Co-Hong* (1720).

Conjuntura geográfica.

*

China-Chung Ko (país do centro) localiza-se no continente asiático, é banhada pelo Pacífico a leste e sudeste, limitando-se com a Indochina e o sub-continente indo-paquistanês ao sul e sudoeste. Ao norte e oeste separa-se do Turkestão e Sibéria. Sua área é de 11.418.174 km² com a maior população do mundo. O território compreende altas montanhas e rios extensos, importantes vias de comunicação interna. O rio Amarelo nasce na montanha de Kunlun, a oeste da China, e corre para leste em direção ao Pacífico. A civilização chinesa cresceu ao longo das 2 margens do rio Amarelo (Huang Ho) nas áreas férteis. O clima é moderado; a temperatura vai de 20 a 25 graus ao Sul e de 5 a 0 grau na Mongólia e ao norte. A principal cultura é a de arroz nas áreas irrigadas. A província de Cantão localiza-se abaixo do rio Chu. Sua extensão é de 233.844 km². Por sua localização privilegiada e os vastos rios, Cantão floresceu no comércio exterior. O clima de Cantão é subtropical com um longo verão. As principais culturas são as de arroz (baixo rio Chu), trigo, feijão, etc. Há muita extrações minerais e vegetais. A cidade é chamada de Kungchow pelos chineses e foi batizada de Cantão pelos portugueses. Desde a dinastia Han que Cantão negocia com os estrangeiros (persas e árabes). Na dinastia Min chegam os europeus (17).

(17). — *China Yearbook 1972/73*, Taipei, p. 43.

*

Conjuntura econômica.

Na dinastia Chin a agricultura sofreu sérios danos com as revoltas e invasões exteriores. Existia o imposto de verão e de outono. Estes impostos eram cobrados de acordo com os hectares de cada um. Para controlar o comércio de Cantão surgiu o *shi pou shi* na dinastia Tan. Os *hoppo* iam a Cantão controlar o comércio e receber impostos. Em Pekin parte dos impostos ia para o palácio e a outra parte para os funcionários abaixo dos governadores (18). A partir de 1753 Cantão cobrava imposto de importação, taxas de navios e presentes, além de despesas em geral. O imposto de importação e exportação era pago ao *Co-Hong*. Nesta época o comércio maior era do ópio, seguindo-se o algodão (1836). A maior exportação foi a de chá. Os impostos na China não visavam a uma política econômica definida, antes de tudo sua principal função era enriquecer cada vez mais os funcionários (19).

* * *

III. — O SISTEMA DE *CO-HONG* E COMÉRCIO DE CANTÃO.

Até a dinastia Chin e dinastias do norte e sul, o centro do comércio marítimo foi Cantão.

Na dinastia Sui foram estabelecidas alfândegas nas províncias sul onde foram cobrados impostos aos navios estrangeiros. Na dinastia Tan foi estabelecida em Cantão o *shi pou shi* (inspector de alfândega), e em 792 o comércio quase acabou devido à revolta de Hwang Chao.

Na dinastia Sun o comércio por terra foi proibido e o centro político e econômico foi mudado para o sul. Com isso as comunicações marítimas prosperaram, o aumento dos contactos leste-oeste foi aumentado pelas invenções chinesas na Europa. O imperador Sun Shin Chum obrigou os comerciantes a passarem por Cantão se não quizessem sofrer penas. Na dinastia Yuan — Cantão foi transferido para Chuenchow. Em 1293 o número de *shi pou shi* subiu para sete.

O comércio com os árabes foi substituído pelo do Ocidente. Para receber os ocidentais, foram estabelecidas casas em Cantão e Fuchien, pois devido sua alta densidade demográfica e obstáculos geográficos, o

(18). — *Hoppo* dividia-se em *hoo-poo* — ministério do censo, *hopoh* — política marítima e *hoi-pu*. O primeiro era mais importante.

(19). — Registros das Alfândegas do Cantão, v. XXV, p. 2;

“Se chegassem navios estrangeiros a Cantão, os impostos eram pagos aos comerciantes do Hong. Se os navios estrangeiros fizessem a exportação, primeiro pagavam os impostos”.

Isto é, os impostos de importação eram pagos depois da partida. O de importação, no momento dos negócios.

povo já fazia comércio marítimo no exterior. Ataques japoneses terminam com o *shi pou shi* de Fuchien e Chekian, restando Cantão.

Em 1516 os portugueses chegam a Cantão e o comércio é abolido somente cinco anos após; os portugueses tentaram impedir a entrada de um novo concorrente. No fim da dinastia Min havia 36 Hong manejando o *hi pou shi*. Em 1685 o sistema alfandegário é aperfeiçoado e o comércio exterior é feito pelos comerciantes oficiais (20).

Os ingleses chegam em 1683 e são impedidos de negociar, pois os chineses mantinham contacto com os portugueses. No ano seguinte é descoberto por um navio inglês, em Amoy, uma associação mercantil e o governo chinês manda o chefe da entidade negociar com os ingleses. Então são abertas as portas aos ingleses e os impostos foram controlados pela associação (21).

O aparecimento do comerciante do imperador que constituia minoria controladora do comércio, surgiu em 1702 em Amoy (22).

Segundo velhas leis chinesas os comerciantes do *Hong* podiam escolher o preço da mercadoria. Com isso havia concorrência com os comerciantes oficiais (comerciantes do rei, vice-rei e governador). Com o surgimento de dezesseis *Hong*, divididos em três categorias, a concorrência dos autônomos desapareceu trazendo desvantagem aos comerciantes estrangeiros.

As ordens do chefe do *co-hong*, que foi inspetor de alfândega e governador de Cantão, era que o comércio só fosse feito com o *co-hong* e assim os comerciantes autônomos estavam impedidos de comerciar. Então Chunshau e Cudgin tentaram a dissolução do *co-hong*. Temendo medidas drásticas o *co-hong* foi suspenso temporariamente e até 1723 sofreu sérias dificuldades (23).

(20). — CORDIER (H.), *Los marchands hanistos do Cantân*, T'oung-Pao, t. 3, 1902, p. 281:

"Hang, forme chinoise et française, Hong, forme anglaise, Le terme, qui veut dire maison do commerce en général, s'applique tout particulièrement à celles qui sont spécialisées dans le negoce étranger; il designe à la fois la raison sociale — d'où l'expression de Hong merchants ou marchands hanistes — et ses bureaux et magasins; ce qui explique que, par la suite, les factoreries européennes sont appelées Hang elles aussi. D'autant plus logiquement que les batiments qu'elles occupent mont la propriété dos hanistes qui font que ses aux Occidentais".

(21). — MORSE (H. B.), *The chronicles of East India Company Trading to China, 1685-1843*, v. I, Oxford, 1926-29, p. 66.

(22). — ROU (YUAN), *Kuan tun tun tchi*, v. 180, Taipei 1959.

(23). — MORSE (H. B.), *The chronicles of the East India Company Trading to China, 1885-1893*, v. I, Oxford, 1926-29, p. 102, 104, 138 a 145; *Idem*, p. 131 e 132.

Mas em 1724 o comércio exterior foi monopolizado mediante taxa por um comerciante do governador, mas em favor do *co-hong* o governador reagiu provocando a reviravolta da situação.

Em 1727 Fuchien é aberta e no outro ano é estabelecido dois-chefes para a associação mercantil de Cantão e Linpo. A taxa de imposto foi aumentada sob protestos dos estrangeiros. E em 1750 é introduzido o sistema ocidental de seguro (24).

O governo em 1754 quer que a garantia dos impostos e das despesas dos estrangeiros seja feitas pelo *hong*. No ano seguinte o comércio autônomo é proibido piorando a situação para os estrangeiros. Estes vão em busca de Linpo e Amoy. Mas em 1757 Cantão torna-se o único porto aberto ao comércio exterior, beneficiando as alfândegas terrestres do norte de Cantão (25).

Em 1771 o comércio é feito individualmente com o fechamento do *co-hong*, devido ao aumento de responsabilidades e falências que afetavam os outros e, pior ainda, o imposto tornar-se mais pesado; mas logo o *co-hong* é reorganizado e um acordo de monopólio para grande o comércio (seda e chá) foi feito e os autônomos tornaram-se pequenos comerciantes.

O sistema fiador entra em vigor, e além da arrecadação de impostos e outros pagamentos e a comissão recebida, o *co-hong* negocia e organiza a correspondência entre a China e o estrangeiro, assim o seu poder torna-se amplo.

Depois de 1775 o monopólio é fortalecido e o governo aumenta os impostos, a concorrência acentua-se e sobe o número de falências. Com a determinação do decreto imparcial de que as dívidas não podiam ultrapassar 1.000 *tls*, com liquidação anual obrigatória, a situação do *hong* foi dificultada. E em 1792 os ingleses enviam lord George Macartney para reparar as falhas chinesas, mas seus pedidos são rejeitados pelo imperador Kien-long. Os ingleses não desistem e aos poucos a China cede às solicitações britânicas (26).

A relação dos russos com o *hong* é feita através dos navios *Neva* e *Nedejdeé* em 1805, mas logo em seguida são proibidos de comerciar. Em 1814 chega outro navio mas sem sucesso (27).

(24). — *Idem*, v. I, p. 247, 260, 268 e 389; Su Lian Chin Kan (Revista mensal sobre as fontes históricas) v. IV, Taipei, p. 122.

(25). — MORSE (H. B.), *The chronicles of the East India Company trading to China, 1685-1843*; v. I, p. 296-297, Oxford, 1926-29, 5 vs.

(26). — HUNTER (W. C.), *Bits of old China*, Londres, 1885; Registro da Alfândega do Cantão, v. XXVI, p. 9.

(27). — LISIANSKY (U.), *A voyage round the World performed by order of Alexander I in the ship Neva*, Londres, 1814.

O *co-hong* do século XIX conta com todas as potências mercantis e mostra o seu grande valor para a China.

Da dinastia Sun até a Guerra do Ópio a classe social dominadora na China foi a dos proprietários de terras e com o progresso de culturas comerciais e expansão do comércio no exterior à classe dos comerciantes coube o papel mais importante.

Essas classe eram divididas em três: a primeira era a dos comerciantes que levavam os produtos do interior do país para Cantão, a segunda era comerciante do *Hong* exportador e importador; estes comerciantes eram divididos em licenciados que eram responsáveis pela organização do *co-hong* e os autônomos que vendiam mais barato mas não tinham licença. E como terceira havia a classe do comerciante varejistas que fornecia gêneros de primeiras necessidades aos estrangeiros.

Quando a relação entre a China e o Ocidente começa a tomar caráter hostil e belicoso, o período áureo do *co-hong* sente os primeiros sinais de decadência.

Em 1714 os navios *Cambridge* e *Anne* chegam a Amoy; o primeiro negocia e volta sem problemas, enquanto que o outro fica um ano a mais esperando a dívida dos chineses, mas recebe uma ordem para sair da China sem o pagamento. Na saída como represália sequestra um navio chinês e leiloa suas mercadorias na Índia para compensar a dívida, irritando com isso o governo chinês.

Em 1729 os holandeses comerciavam diretamente. Há abertura de lojas varejistas, vendas particulares. Pedidos dos ingleses para maior liberdade são recusados. Então estes começam a dirigir-se para o Norte em busca de postos onde a exigência fosse menor.

O relacionamento feito por Cantão entre a China e o Ocidente vai aumentando o número de crises sucessivas. Enquanto isto Cantão transforma-se numa verdadeiras porta aberta ao comércio com o país do centro.

O controle de alfândegas, o estabelecimentos de feitorias, serviu para os ocidentais politicamente dividir a China. Quando começa a ceder em face da pressão da sociedade ocidental isso contribuiu para a falência do sistema como um todo (28).

* * *

(28). — *Ibidem*.

IV. — COMÉRCIO EXTERIOR DE CHINA ATRAVÉS DE CANTÃO.

No século XVIII as mercadorias eram variadas atendendo os interesses ocidentais e chineses. Com base nas mercadorias temos:

Ópio.

No início do século VIII, dinastia Tan, o ópio era usado como medicamento estomacal e pulmonar, além de alimento. Na dinastia Yuan até o fim da dinastia Min, era usado para medicamento de intestinos e de dor de cabeça, nos últimos anos da dinastia começou o hábito de fumar o ópio. Nos meados da dinastia inicia-se a importação do ópio.

Os portugueses, no século XVII, exportavam para Formosa e Java mais de 200 caixas de ópio. Em 1781 a Companhia das Índias Orientais consegue monopolizar o comércio do ópio com a China. Cantão mais uma vez torna-se importante (29).

Em 1796 a importação é proibida, desenvolvendo-se em consequência o contrabando. Este era comerciado por Portugal, Inglaterra e pelos americanos. No início do século XIX os contrabandeadores do ópio eram punidos e o carregamento confiscado.

A Guerra do Ópio entre a China e Inglaterra, foi a causa da proibição não ter sido atendida (30).

*

Seda.

A Espanha reforça as comunicações inter-coloniais, barcos levavam para Filipinas a prata saqueada na América voltando com a seda chinesa. Esta já havia chegado a América espanhola antes do barco americano *The Empress of China* ter chegado a China (31).

No México, a seda era um grande negócio. Ela chegava bruta e ocupava grande mão-de-obra. O Perú, dominado pela Espanha nos séculos XVII e XVIII, era o primeiro fornecedor de prata para o mundo, sendo bom cliente da seda chinesa. Surge um atrito com a

(29). — Conta alfandegária.

(30). — *Chin Dao Kuan Tsao Hue Tio Shi Liao* (Os documentos dos assuntos exteriores da dinastia Chin), v. I, Instituto de História da China Moderna, Academia Sínica, Taipei, p. 10, 11, 16, 17, 43.

(31). — Chuen (Han Shen), *Tze min gi tzi chin chun ye shi shu mei chow de chun kuo shi ho mo yi* (O comércio da seda chinesa da América espanhola do século XVI a XVIII), Chun Kuo Wen Hua Yuei Pao, 1971, v. IV, p. 345.

Espanha (que também produzia seda), pois o preço da China era mais baixo que o europeu.

Pelo aumento dos impostos a seda foi estimulada e os camponeses teriam de criar o bicho da seda e o imposto territorial seria abolido. Mas se não submetessem a isso, eram obrigados a entregar um rolo de seda, além do imposto (32).

A matéria-prima era elaborada e exportada para as Filipinas e reexportada para a América que consumia a seda chinesa, estimulando o comércio, enquanto a China num aumento de capital gradativo obtinha a prata.

Os portugueses entram no comércio de seda como intermediários, substituindo os comerciantes chineses no transporte e cobrando comissão. Na luta pelo monopólio os portugueses tentam afastar os espanhóis.

No século XVIII, a seda populariza-se influenciando o progresso dos portos chineses. A seda tornou-se a segunda mercadoria em importância nas importações inglesas oriundas da China (33).

Chá.

*

Uma das principais exportações na China. Era consumida na Inglaterra como bebida fina.

A luta pelo monopólio estava aberta. Os ingleses compravam muito chá e o de melhor qualidade, em concorrência com os franceses que pagam adiantado. Em 1735 os ingleses, revidando compram todo o produto disponível. Nem as bruscas oscilações, nem o aumento exagerado influi nas exportações. Mesmo com os altos impostos cobrados pela alfândega, o chá proporcionava bons lucros (34).

A porcelana famosa e tida como incopiável era exportada para a Inglaterra, França, Holanda, Dinamarca e Suécia (35). Também eram exportados tecidos, drogas, medicamentos, e a lista era completada com a exportação do ouro, grafite branco (exportado em grande escala), chumbo, cobre e mercúrio.

(32). — Chua (Han Shen), *Min gi chun kuo yu li pin gin de mo yi*, *Chun kuo wen hua yi tiao ao yuei pao*, v. I, p. 27/49.

(33). — Morse (H. B.), *Currency and measures in China*, J.N.C.B.R. A.S. 188-90, t. I, p. 97, 123, 133, 144, 172, 180, 213 e 229.

(34). — Morse (H. B.), *Currency and measures in China*, J.N.C.B.R. A.S. 188-98, t. I, p. 97, 123, 133, 144, 172, 180, 213 e 229.

(35). — Tournier (Dr.), *La porcelaine des Indes d'après les archives de la Compagnie Française des Indes*, "Bull. et mém. Soc. Archeol. du Depart. d'Ille-et-Vilaine, 1953, 6. 69, p. 17-65.

O grafite importado em grande quantidade com o algodão da Índia, prejudicavam os prejuízos causados pela importação forçada de lã inglesa, que era aceita com dificuldade no comércio chinês.

*

A prata como importação da China.

No século XIV a China começa a utilizar o papel moeda, mas com receio de sua desvalorização, resolveu introduzir a prata, mas ela já não era mais rentável. Antes de 1784 a prata já tinha chegado via Manilha a China.

Indo às Filipinas os navios necessitavam de reabastecimento, que era feito com os produtos oriundos da China. Dessa forma a prata americana foi capitalizando a China. Em 1637 o governo colonial relatou que devido ao valor da prata na China, o total chegava e permanecia no país. Após meados do século XVI a maior parte da prata que vinha da América para as Filipinas foi quase totalmente levada para a China.

Os europeus se convenceram de que o mais valioso capital estava na China. Então a política européia tornou-se agressiva e com a cobiça da riqueza acumulada pelo chinês num período em que a balança estava a seu favor, pela relações de trocas estabelecidas até então.

Na segunda metade do século XVII os ingleses tomam da Holanda o comércio com o Oriente, mantendo-o até o século XIX. Mas havia contradições entre os principados chineses e o seu governo central. Oficialmente os impostos eram baixos, mas os funcionários dos portos cobravam taxas e presentes por conta própria, aumentando o custo das mercadorias.

A política dos portos abertos era um acordo que servia somente para a China ser objeto de exploração. Sob o ponto de vista colonialista, Cantão era o porto onde se concentrava todos os interesses ocidentais. A abertura de Cantão ao Ocidente serviu para realçar aos chineses o seu valor que era buscado pelos ocidentais. Isto tornou a China, à medida que ela se transformou em entreposto, um ponto importante para importação e adequada ao comércio mundial. Mais do que isso: um meio de acumular o capital enquanto o exterior desenvolvia saldo favorável.

A reserva da China é destruída pelas guerras e um grande problema na política de expansão ocidental no Oriente era o de se saber se os seus produtos seriam aceitos. Independentemente do sistema político em vigor ou classe social no poder, a China resistiu às pretensões de ocupação territorial em larga escala.

* * *

*

CONCLUSÃO.

Na verdade o começo das relações entre a China e o Ocidente restringiu-se apenas ao intercâmbio comercial, visto que, do ponto de vista de relações mais profundas (culturais, por exemplo) os chineses procuraram se reservar, mantendo suas estruturas longe das vistas dos ocidentais. Os portugueses foram os primeiros de uma série de europeus a chegar ao território de Cantão. Enfrentaram tanto o comércio como as inimizades, mas sua insistência culminou com a posse da colônia de Macau, mantida até hoje.

O que dificultou sobremaneira as relações comerciais talvez tenha sido também a política de homenagens criada pelos chineses. Os europeus não afeitos a esse tipo de cumprimento muitas vezes o achavam ridículo quando se submetiam a tal.

Cantão foi realmente importantíssimo na ligação Ocidente-Oriente porque a China (adotando uma política receosa) não permitia o avanço estrangeiro no seu interior. As missões religiosas neste particular tiveram bastante êxito apesar da rígida vigilância dos chineses.

Dos ocidentais que se dirigiram à China talvez a Rússia, por ser fronteira, tenha conseguido maior sucesso em suas investidas. Não só conseguiu concluir diversos tratados, como teve permissão de enviar estudantes russos a Peking.

As relações comerciais nas épocas de crise de governo interno na China serviram como válvula de escape contra a revolta do povo aos altos impostos. Os chineses então aumentaram os impostos alfandegários criando uma certa tensão entre China e Ocidente. E nessa fase Cantão quase perdeu seu poderio quando os europeus desgostosos deslocam-se para Chekian onde as facilidades eram maiores.

Mas o sistema comercial de um modo geral foi bem sucedido, obrigando a China a adotar o *Co-Hong* (sistema tributário).

O comércio tanto terrestre como marítimo foi sempre feito com precauções por parte dos chineses, temerosos por transgressões fronteiriças. Porém não foi o bastante para impedir mudanças radicais na milenar China tão fechada ao Ocidente.

O comércio não se restringindo às especiarias, foi também desencadeador do contrabando do ópio pela Inglaterra, obrigando os chineses a tomarem medidas tais como tentar legalizar tal tipo de comércio. Considerada uma medida imoral, culminou com a participação ativa da China também no ciclo do ópio, provocando a chamada Guerra do Ópio.

Concluindo, a presença européia em Cantão provocou uma política de modernização no Oriente, exemplo marcante notado sobretudo no Japão.